


# EXPERIÊNCIAS INCLUSIVAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM REABILITAÇÃO DA DEPENDÊNCIA QUÍMICA: A ESCOLA DE EGRESSOS EM CENAS AMAZÔNICAS

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.801142509057>

*Data de submissão: 11/07/2025*

*Data de aceite: 21/07/2025*

### **Osmarina Guimarães de Lima**

Universidade do Estado do Amazonas –  
Manaus/Am-  
<http://lattes.cnpq.br/8593296452319918>

### **Jackeline dos Santos Monteiro**

Universidade do Estado do Amazonas –  
Manaus/Am  
<http://lattes.cnpq.br/3414230331296517>

### **Vitor de Lima Gonçalves**

Universidade do Estado do Amazonas –  
Manaus/Am  
<http://lattes.cnpq.br/4856600171493473>

### **Stivisson Menezes Correia**

Universidade do Estado do Amazonas –  
Manaus/Am  
<http://lattes.cnpq.br/2354965439352781>

### **Deivisson Souza Melo**

Universidade do Estado do Amazonas –  
Manaus/Am  
<http://lattes.cnpq.br/3924902757469760>

### **Vander Vasconcelos de Oliveira**

Lar Terapêutico Ágape – Manaus/Am  
<http://lattes.cnpq.br/2810609452754658>

**RESUMO:** Apresenta os resultados de um projeto vinculado ao programa de pesquisa e extensão Escola de Egressos, desenvolvido pelos acadêmicos e pelos egressos das licenciaturas da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), em parceria com professores da rede pública de ensino e profissionais de saúde de Manaus/Am. Objetiva oportunizar ações formativas, pautadas nos fundamentos da educação inclusiva, para jovens e adultos dependentes químicos em reabilitação, internos de duas instituições: um centro de reabilitação e uma comunidade terapêutica. Em uma perspectiva interdisciplinar, articulando ensino, pesquisa e extensão, o trabalho desenvolve-se a partir da seguinte questão: Quais os limites e possibilidades de a intervenção socioeducacional contribuir para a inclusão social de dependentes químicos em reabilitação? As atividades organizam-se por meio de aulas, eventos socioculturais, oficinas, rodas de conversa, entrevistas, palestras. Contemplando conhecimentos e práticas de iniciação musical; teatro; literatura; leitura e escrita; matemática; *origami* e educação ambiental. Os resultados sinalizam o impacto dessas ações na formação inicial e continuada dos egressos e acadêmicos veteranos, bem

como na vida das pessoas institucionalizadas. Estabelecemos um planejamento didático-pedagógico integrado às atividades terapêuticas desenvolvidas pela equipe multiprofissional, visando não somente a intervenção pedagógica, mas também o acompanhamento da rotina institucional e a coleta de dados pelos nossos acadêmicos. Concluímos que a parceria entre a universidade e a comunidade é um caminho viável para construir efetivamente políticas públicas menos excludentes e reavaliar os processos de formação de professores, diante de demandas sociais emergentes.

**Palavras-chave:** Educação Inclusiva. Formação Docente. Educação de Jovens e Adultos. Vulnerabilidade Social.

## INCLUSIVE EXPERIENCES IN THE EDUCATION OF YOUNG PEOPLE AND ADULTS IN REHABILITATION FROM DRUG ADDICTION: THE SCHOOL FOR GRADUATES IN AMAZONIAN SCENES

**ABSTRACT:** It presents the results of a project linked to the research and extension program Escola de Egressos (School of Graduates), developed by academics and graduates of the Amazonas State University (UEA), in partnership with teachers from the public school system and health professionals in Manaus, Amazonas. It aims to provide training opportunities, based on the principles of inclusive education, for young people and adults with chemical dependencies in rehabilitation, who are residents of two institutions: a rehabilitation center and a therapeutic community. From an interdisciplinary perspective, combining teaching, research, and extension, the work is based on the following question: What are the limits and possibilities of socio-educational intervention contributing to the social inclusion of drug addicts in rehabilitation? The activities are organized through classes, sociocultural events, workshops, discussion groups, interviews, and lectures. Contemplating knowledge and practices of musical initiation; theater; literature; reading and writing; mathematics; origami and environmental education. The results show the impact of these actions on the initial and continuing education of graduates and veteran academics, as well as on the lives of institutionalized people. We established a didactic-pedagogical plan integrated with the therapeutic activities developed by the multidisciplinary team, aiming not only at pedagogical intervention, but also at monitoring the institutional routine and data collection by our academics. We conclude that the partnership between the university and the community is a viable way to effectively build less exclusionary public policies and reevaluate teacher training processes in the face of emerging social demands.

**KEYWORDS:** Inclusive Education. Teacher Training. Youth and Adult Education. Social Vulnerability.

## INTRODUÇÃO

A economia globalizada tem contribuído para universalizar conhecimentos e níveis de produção cada vez mais elevados. Porém, esse cenário cosmopolita requer um olhar mais atento das políticas públicas para com os pontos de atenção gerados no seio da sociedade, onde as desigualdades e a exclusão também se ampliam, atingindo pessoas de todas as idades, gêneros, raças e credos.

No que se refere à educação, identificamos a necessidade cada vez premente desta dialogar com outros campos do saber científico, buscando debater e construir possibilidades de superação das mazelas do capitalismo.

O texto apresenta os resultados de um projeto vinculado ao programa de pesquisa e extensão Escola de Egressos, desenvolvido pelos acadêmicos e pelos egressos das licenciaturas da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), em parceria com professores da rede pública de ensino de Manaus/Am e equipe multiprofissional de duas instituições de reabilitação da dependência química. Objetivando oportunizar ações formativas, pautadas nos fundamentos da educação inclusiva, para jovens e adultos em reabilitação.

Para o alcance do objetivo geral foram traçados quatro objetivos específicos, a saber: a) identificar pontos de ancoragem entre os pressupostos teórico-práticos da prevenção e do tratamento da dependência química com os fundamentos da educação inclusiva; b) estabelecer planejamento exequível de ações socioeducativas, mediante as demandas das instituições parceiras que atuam na prevenção e tratamento da dependência química; c) reunir elementos significativos que evidenciem a validade das ações realizadas, bem como pontos de melhoria quanto à continuidade do projeto ou replicação em outros locais; d) produzir divulgação científica dos resultados alcançados, apresentando devolutiva do projeto à universidade, às instituições parceiras e à sociedade em geral.

O ponto de partida e de chegada do projeto, congregando ações de ensino, pesquisa e extensão, foi a seguinte problemática: Quais os limites e possibilidades de a intervenção socioeducacional contribuir para a inclusão social de dependentes químicos, subsidiando sua recuperação e sua cidadania?

## **JOVENS E ADULTOS EM REABILITAÇÃO DA DEPENDÊNCIA QUÍMICA: QUESTÕES SOCIOEDUCACIONAIS**

O atendimento às demandas da prevenção às drogas e ao alcoolismo tem se constituído nos últimos anos como ponto de pauta de inúmeros projetos de lei, planos de gestão e propostas de intervenção do Estado. Muitas são as campanhas nacionais, sinalizando para a urgência em se estabelecer marcos de atenção a essa parcela da população que é dependente de alguma substância ilícita ou do álcool, como também de criar políticas públicas mais efetivas no campo da prevenção.

Paralelo ao cenário político que é responsável pelo desenho dessas campanhas, a sociedade padece de vários problemas resultantes dessa doença. De acordo com o Relatório mundial sobre drogas de 2021, divulgado pelo Escritório das Nações Unidas sobre drogas e crimes (UNODC, 2021), cerca de 36 milhões de pessoas sofreram de transtornos associados ao uso de drogas. Em 2024, esse número subiu para 64 milhões, sendo que apenas uma em cada onze pessoas recebeu tratamento, segundo dados do mesmo órgão (UNODC, 2024). No Brasil, estima-se que 6% da população (o que totaliza mais de 12 milhões de pessoas) têm alguma dependência química, segundo pesquisas da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2022).

A dependência química é considerada um transtorno mental, o que significa que ela é uma doença. Anualmente, este transtorno causa cerca de 500 mil mortes, segundo levantamento também da mesma organização (OMS, 2022). Sendo que em 2024, os óbitos chegaram a 3 milhões devido ao uso abusivo de álcool e drogas (OMS, 2024).

O debate em torno da prevenção da dependência química, bem como de ações efetivas de acompanhamento multiprofissional às pessoas inseridas nesse contexto das drogas e do alcoolismo não é recente. Porém, nos últimos vinte anos, essa pauta vem deslocando-se mediante o conceito de cidadania, no âmbito da educação inclusiva.

De acordo com Santos (1997, p. 133), no modelo capitalista o conceito de cidadania está relacionado a questões de mais privilégios e menos direitos, pois “o fato de que a classe média goze de privilégios, não de direitos, impede aos outros brasileiros ter direitos”. Destaca ainda o autor que:

Ser cidadão, perdoem-me os que cultuam o direito, é ser como o estado, é ser um indivíduo dotado de direitos que lhe permitem não só se defrontar com o estado, mas afrontar o estado. O cidadão seria tão forte quanto o estado. O indivíduo completo é aquele que tem a capacidade de entender o mundo, a sua situação no mundo e que, se ainda não é cidadão, sabe o que poderiam ser os seus direitos.

Sendo assim, as possibilidades da oferta de produtos e serviços educacionais inclusivos a essas pessoas reforça o contraponto à desigualdade, dentro do modo de produção capitalista.

A educação, pois, ancorada em teorias emancipatórias sinaliza caminhos viáveis para a formação humana na perspectiva da compreensão das condições objetivas de exploração impetradas pelo capital, visando à mobilização dos homens e mulheres que vivem do trabalho em direção à superação dessas desigualdades raciais, de gênero, econômicas e regionais. Significa, portanto, agir em favor do acesso, da permanência e do sucesso na aprendizagem deles. Assim sendo:

[...]no caso da pedagogia histórico-crítica, uma de suas características fundamentais é que ela se posiciona claramente a favor dos interesses dos trabalhadores, isto é, da classe fundamental dominada na sociedade capitalista. Daí, seu caráter de pedagogia contra hegemônica inserindo-se na luta pela transformação da sociedade atual (Saviani, 2013, p. 26).

Nesse sentido, contribuir para a implementação de políticas de inclusão social do dependente químico - marginalizado e considerado pela sociedade como perigoso, improdutivo - torna-se meta emergencial para a universidade e para as instituições parceiras que lidam diariamente com essas pessoas. Nessa direção, a política de educação inclusiva definida no Plano de Desenvolvimento Institucional da Universidade do Estado do Amazonas, vem sendo construída de maneira estruturada e estruturante ao longo de vinte e quatro anos de existência, visto que:

[...] a Universidade do Estado do Amazonas- UEA vem avançando cada vez mais no fortalecimento de capacitação continuada de docentes e demais profissionais, objetivando a consolidação dessa instituição como uma referência inclusiva que possa favorecer o desenvolvimento de atividades de solidariedade e cooperação; o respeito e valorização das diferenças; que por vez facilitem o desenvolvimento de uma cultura efetiva dos direitos à educação, à igualdade de oportunidades e de participação (Amazonas, 2023, p.163).

Em referência às ações de saúde pública, implementadas pelo poder público, voltadas para os dependentes químicos, destacamos que:

Quando se pensa no tratamento das dependências químicas faz-se necessário e útil estabelecer seus princípios gerais para que se possa ao mesmo tempo, afastar preconceitos marginalizantes, proporcionar eficácia baseada em evidência científica e obter avanços na assistência àqueles que sofrem com este problema (Sudbrack, 2013, p. 45).

O Ministério da Saúde tem lançado, anualmente, um alerta para o Dia nacional do combate às drogas e alcoolismo. A data, segundo o Governo Federal tem o objetivo de conscientizar a população sobre os riscos da dependência química, gerando discussões e medidas para a prevenção do consumo.

Semelhantemente às campanhas nacionais e locais no campo da educação, essas medidas na área da saúde, historicamente, têm surtido efeitos mínimos, pois são marcadas pelos princípios político-partidários de determinada gestão em vigor. Nesse sentido, por não serem implantadas como política de Estado, sofrem do mal secular da descontinuidade.

Nos últimos anos, os meios de comunicação foram tomados de assalto pelos crescentes problemas envolvendo o consumo de álcool e outras drogas. Das manchetes dos jornais às capas de revistas, do horário nobre da televisão aos programas de fofoca, dos sites acadêmicos aos sites de relacionamento, nenhum espaço ficou inalterada a corrupção, violência doméstica, mortes no trânsito, narcotráfico, roubos, assassinatos, falta de leitos para internação, dificuldades dos tratamentos ambulatoriais e tantas outras questões ligadas à dependência química (Laranjeira *et al*, 2011, p. 11).

Para além de campanhas de conscientização, urge investir em parcerias, alianças entre o poder público, as universidades, as famílias e as instituições que atuam diretamente na prevenção e no tratamento dessa doença. Reconhecemos como positiva toda e qualquer proposta de educação inclusiva que desenvolva ações de ensino, pesquisa e extensão, visando transformar o potencial de cada dependente químico em capacidade real, colaborando para seu retorno ao seio da família e à vida social plena.

A perspectiva traçada pelo projeto de extensão foi a atuação imediata da universidade, subsidiando a compreensão por meio da intervenção socioeducacional e, conseqüentemente, colaboração à redução da problemática enfrentada pelos dependentes químicos. Uma vez que, essa proximidade do acadêmico com a realidade em foco é uma das características da política de extensão, buscando na comunidade externa elementos

factíveis que serão articulados com os saberes e as práticas formativas construídos no seio dos diferentes cursos de graduação. Tendo como força motriz o compromisso de contribuir com a promoção social dos dependentes químicos por meio da educação inclusiva.

Nesse cenário, as desigualdades são a marca dos países periféricos, como o Brasil, onde sua população colhe diariamente os frutos da política perversa que define diretrizes sociais, econômicas e educacionais mediante os objetivos do capitalismo.

Culto ao individualismo, à competitividade, à mais valia, em detrimento da garantia dos direitos fundamentais do cidadão que vive em situação de vulnerabilidade social, são temas cada vez mais debatidos em diferentes fóruns. No entanto, um breve caminhar pelas ruas da cidade evidencia a distância entre esses debates e a implementação de políticas públicas em favor da vida.

No que tange à educação inclusiva, a mídia em geral tem contribuído para equívocos históricos, no sentido de relacionar esse termo somente com o movimento nacional e internacional da educação especial, que, certamente, muito tem contribuído para o estágio atual das políticas para as pessoas em situação de vulnerabilidade social. Porém, faz-se necessário esclarecer que a educação inclusiva é ampla, abarcando a educação para todos.

O movimento mundial pela educação inclusiva é uma ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa do direito de todos os alunos de estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação. A educação inclusiva constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à ideia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola (Brasil, 2008, p. 01).

A educação inclusiva é um princípio de luta para garantir que cada aluno tenha suas necessidades respeitadas e assistidas em sua plenitude, ou seja, sem nenhuma discriminação ou preconceito. Porém, esse posicionamento reflete um projeto de sociedade, onde a escola tem papel fundamental. Cabe a nós, professores da universidade e das escolas, refletir e evidenciar qual formação estamos construindo com nossos acadêmicos e estudantes da Educação Básica, pois, conforme Saviani:

[...] os professores tanto podem integrar-se, ainda que não intencionalmente, na luta de classes da burguesia desempenhando o papel de contornar acidentes da estrutura, de impedir que as contradições estruturais venham à tona, de segurar a marcha da história, de consolidar o status quo, quanto podem desempenhar o papel inverso de, a partir dos elementos de conjuntura, explicitar as contradições da estrutura, acelerar a marcha da história, integrando-se na luta de classes do proletariado e contribuindo, assim, para a transformação estrutural da sociedade (2013, p. 27).

O respeito e o atendimento às necessidades de cada aluno por meio da educação inclusiva encontram ressonância na equidade, o que significa:

Reconhecer que nem todos aprendem ou devem ser ensinados da mesma forma igualitária, pois um processo educacional que busca a Equidade pressupõe o reconhecimento e o respeito às diferenças e é capaz de fazer com que todos os alunos desenvolvam as competências e habilidades esperadas para o nível de estudo, levando em consideração as diferenças pessoais, socioeconômicas e culturais do aluno. Assim, se faz necessário que a escola não seja omissa com as diferenças e trate de forma diferente a partir de suas necessidades e subjetividades os desiguais, pois se todos são tratados igualmente, a desigualdade permanece (Tenório; Ferraz; Pinto, 2015, p. 8).

Enfim, diversidade e diferença são pautas contemporâneas para estudos, debates e encaminhamento de ações consequentes que fortaleçam o movimento social e intersetorial em torno das demandas por espaços socioeducacionais escolares e não escolares, capazes de cumprir com as metas da educação inclusiva para pessoas em situação de vulnerabilidade social.

A seguir detalhamos os procedimentos metodológicos adotados ao longo do projeto.

## PERCURSO METODOLÓGICO

O projeto foi desenvolvido em duas instituições<sup>1</sup> que trabalham na reabilitação de dependentes químicos, na cidade de Manaus/Am e na cidade de Iranduba/Am. Cumprindo um cronograma dividido em duas etapas, viabilizado por atividades socioeducacionais desenvolvidas por uma bolsista e sete voluntários. Dos voluntários, dois são professores da rede pública (Língua Portuguesa e Matemática); uma acadêmica do curso de Música; dois egressos do curso de Pedagogia, mestrandos do curso de Educação em Ensino de Ciências da Universidade do Estado do Amazonas (UEA); um é egresso do curso de Letras da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e professor de teatro; e outro é egresso do curso de teatro da UEA.

Como suporte teórico-epistemológico ao estudo, à pesquisa e ao trabalho realizado, recorreremos aos fundamentos da pedagogia histórico-crítica (Saviani, 2018), da educação inclusiva (Brasil, 2008), da saúde mental e dependência (Sudbrack, 2013; Laranjeira et al, 2011) para compreendermos o papel da universidade, das instituições de reabilitação e da família, mas sobretudo, o que a parceria entre elas pode impactar na garantia dos direitos fundamentais dessas pessoas em situação de vulnerabilidade social.

Os objetivos foram alcançados por meio de atividades interdependentes e intercomplementares que envolveram: pesquisa bibliográfica e documental; encontros formativos para a equipe de acadêmicos e professores voluntários; planejamento e execução de oficinas, minicursos e eventos socioculturais para os internos das duas instituições parceiras; elaboração de plano de ação, parecer descritivo; relatório final. Divulgação dos resultados parciais e finais do projeto em eventos científicos locais, nacionais e internacionais.

---

1. Utilizaremos neste texto nomes fictícios para identificar as instituições parceiras e os dependentes químicos em reabilitação, visando resguardar a identidade deles.

Na primeira etapa, o projeto foi aplicado no Centro de Reabilitação “Mãos Unidas”, localizado na área rural, a 53km de Manaus. Uma unidade estadual de saúde mantida pelo Sistema Único de Saúde (SUS), com trabalhos clínicos, terapêutico e psicossocial. Atende pessoas de Manaus, dos 61 municípios do Amazonas, estados e países vizinhos. Durante o projeto, a Instituição possuía 93 internos, sendo homens, mulheres na faixa etária de 20 a 60 anos e quatro adolescentes na faixa etária de 14 a 17 anos. A equipe de profissionais dispõe de 150 colaboradores, entre médicos, psicólogos, enfermeiros, assistentes administrativos, assistentes sociais, cuidadores, monitores, dentre outros.

O Centro de Reabilitação “Mãos Unidas” fornecia transporte, alimentação e ações formativas sobre dependência química para a equipe do projeto. Durante o projeto, utilizamos os ambientes internos e externos, bem como a infraestrutura e equipamentos da instituição, principalmente o auditório, quadra de esporte, horta, sala de informática, centro de artesanato e ampla área verde. Nosso planejamento era compatibilizado com a rotina de atividades terapêuticas da instituição e havia acompanhamento do nosso trabalho pela equipe de monitores, psicólogos e assistentes sociais. Em algumas ocasiões conseguimos realizar ações integradas, principalmente nos eventos socioculturais.

A segunda etapa do projeto foi realizada no município de Iranduba/Am, em uma comunidade terapêutica distante 30km de Manaus. Ela possui características diferenciadas da unidade de saúde onde trabalhamos na primeira etapa, visto que pauta suas ações na espiritualidade, nos 12 passos do programa Alcoólicos Anônimos, além do acompanhamento psicológico, atividades desportivas, laborterapia, dentre outras.

A equipe do Lar Terapêutico “Nova Vida” é constituída por um terapeuta que também é o gestor, um psicólogo, uma pedagoga e cinco monitores. A instituição possui como ambientes de uso coletivo sala de jogos, refeitório, piscina, quadra de areia, além de uma área verde bem ampla próxima a um igarapé. Todos esses espaços foram utilizados para as atividades do projeto.

Considerando que o Lar Terapêutico “Nova Vida” não disponibilizava o transporte, a equipe do projeto atuava somente uma vez por semana em horário integral, se deslocando até lá em condução própria. A alimentação e o acompanhamento das atividades pelos monitores, terapeuta e a pedagoga constituíam a contrapartida institucional.

No próximo tópico apresentamos as ações formativas da equipe executora do projeto; o trabalho realizado com os dependentes químicos e como procedemos quanto à divulgação científica dos resultados.

## **RESULTADOS DO PROJETO**

Tendo em vista os objetivos do projeto, as particularidades de cada instituição parceira e a logística necessária ao desenvolvimento das ações, ressaltamos que os resultados foram satisfatórios. Apesar das dificuldades, foi possível desenhar novas



parcerias e continuidade de estudos, pesquisas e contribuições ao debate sobre o tema na universidade e fora dela. Articulando a formação dos acadêmicos com as políticas públicas voltadas à minimização da exclusão social. Desse modo, evidenciaremos a partir daqui, de maneira sucinta o alcance do projeto, bem como seus desdobramentos.

## **Ações para/com os dependentes químicos**

Conforme as metas previstas, conseguimos articular ensino, pesquisa<sup>2</sup> e extensão, estabelecendo uma via bidirecional entre o papel social da universidade e a contribuição da comunidade externa no atendimento a três grandes demandas que elegemos.

A primeira demanda, diz respeito à formação de profissionais em nível superior mais atentos ao debate em torno da educação inclusiva em geral e, mais especificamente, para dependentes químicos.

A segunda demanda refere-se à escuta ativa dos movimentos sociais como mecanismo de mobilização de novos conhecimentos científicos, mais efetivos e viáveis política e financeiramente para a universidade, visando consolidar parcerias para o enfrentamento de questões históricas como a exclusão social.

Por último, mas não menos importante, destacamos como resultado a formação teórico-prática da equipe do projeto, por meio do diálogo multidisciplinar; da vivência acadêmico-científica em um espaço-tempo carregado de limites e possibilidades para o estudo, para o debate e para a intervenção socioeducacional em situações reais de conflitos entre os ditames sociais e as subjetividades de homens e mulheres históricos, em processo de (des)construção consigo e com seus pares.

A capilaridade do projeto situa-se na proposta da docência compartilhada, bem como da parceria entre a universidade e as instituições que atuam diretamente com dependentes químicos. As ações atenderam a um planejamento específico, retomando o objetivo geral articulado à contribuição teórico-prática de cada área do conhecimento. Nesse sentido, tivemos o seguinte desenho pedagógico:

a) Teatro e literatura: o Teatro e a Literatura contribuíram por meio de atividades orientadas pela metodologia do “Teatro do Oprimido”, do teatrólogo Augusto Boal (2005), dentro da estrutura de jogos da teatróloga Viola Spolin (2012). Ambos os autores trabalham o teatro de acordo com a realidade social, a partir da compreensão de “quem eu sou nessa sociedade, qual o meu papel dentro da minha realidade?” Entre outras questões. Em nossas atividades, para entender se o objetivo foi alcançado, usamos a proposta de triangulação da autora Ana Mae Barbosa (2012) que consiste no “ler, fazer e contextualizar”, não sendo necessária rigidez na ordem dessas etapas. Há ênfase na leitura e sua relação com o contexto histórico e social atual, seguindo-se a partir disso a prática social.

---

2. Os resultados da pesquisa que realizamos com os internos das duas instituições serão objeto de outras publicações, como também integram a dissertação de uma das participantes do projeto, defendida no primeiro semestre de 2024, no Programa de Pós-graduação em Educação e Ensino de Ciências, da Universidade do Estado do Amazonas.

O objetivo foi instigar a autorreflexão baseada nos jogos teatrais e de improvisação. Partimos também do processo de “*Escrivência*”, metodologia utilizada por Conceição Evaristo (2018), destacando os participantes como protagonistas de suas histórias, com o revisitar da memória, não como algo “negativo”, mas aprendizado, independentemente das circunstâncias.

b) Iniciação musical e percussão: Como coadjuvante das atividades terapêuticas regulares das instituições de reabilitação, a atividade musical objetivou proporcionar um ambiente de lazer, descontração e resgate da história de vida de cada participante, priorizando-se a motivação para as apresentações individuais ou em grupo; adaptação e reescrita das letras musicais articulada à realidade da dependência química e perspectivas de recuperação; identificação de novos talentos e composição de performances em parceria com os grupos de teatro e literatura, além da reeducação auditiva para enfrentar possíveis desafios frente a diferentes preferências musicais que necessitam ser respeitadas.

c) *Origami*, marchetaria<sup>3</sup> e oficina de decoração com balões: as atividades manuais objetivaram suscitar nos participantes o gosto pela arte, destacando-se a proposta de trabalhar a coordenação motora fina e grossa; valorizando a atenção, a concentração e a percepção estética. Como atividade sistemática, o *origami* historicamente tem sido muito bem aplicado em ações socioeducacionais de entretenimento, saúde mental e educação matemática.

Quanto à marchetaria, ao longo das aulas foram trabalhados conceitos de empreendedorismo com artesanato, sustentabilidade e outros aspectos relacionados à educação ambiental.

Nas oficinas de decoração com balões os internos eram convidados a retomar lembranças da infância, refletindo sobre o distanciamento familiar causado pelas drogas, dentre outros aspectos. Paralelo a esses fatores emotivos, foram destacados pela professora os conhecimentos técnicos básicos e possibilidades de geração de renda com esse serviço.

d) Língua Portuguesa, Literatura, Matemática e Ciências/Educação Ambiental: as aulas dessas disciplinas objetivaram colaborar com o processo de preparação dos internos para o exame do Ensino Fundamental e Ensino Médio da Educação de Jovens e Adultos (SEDUC/Am). No caso específico de Ciências/Educação Ambiental foi considerada a perspectiva de colaborarmos com a sensibilização dos internos que trabalham na horta, no que se refere às questões socioambientais em geral.

Destacamos no processo metodológico o fato de termos na equipe professores com múltiplas habilidades e formação em mais de uma área. Dessa maneira, o professor Newton Lima, licenciado em matemática, trabalhava o *origami* nas aulas de matemática; a professora Fernanda Souza, pedagoga e mestranda na área de educação e ensino de ciências, conciliava aulas de educação ambiental com a oficina de decoração com balões.

O professor João Batista, licenciado em letras, ensinava as técnicas de marchetaria e ministrava aulas de língua portuguesa/literatura; o professor Vitor Gonçalves que é formado

3. O termo marchetar provém do francês *marqueter* e significa embutir. É uma arte de ornamentação das superfícies planas, móveis, pisos, tetos, painéis, joias dentre outros; com os mais diferentes tipos de materiais como madeira, metais, pedras, marfim e chifres de animais, por exemplo (VIEIRA et al, 2017).

em letras e teatro, fazia um trabalho integrado com a professora Jackeline Monteiro na área de teatro e literatura; professor Stivisson Menezes, formado em pedagogia e músico/ percussionista, ministrava as oficinas de confecção de instrumentos musicais; colaborava na seleção de bolsistas e voluntários; na organização dos encontros formativos, além do acompanhamento pedagógico do projeto.

A professora Nayara Silva é cantora e acadêmica do curso de licenciatura em música da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Nas aulas de iniciação musical, ensinava, cantava e tocava violão. Participou efetivamente da produção musical dos eventos, orientando e supervisionando os alunos nas apresentações de canto e violão.

Professor Deivisson Melo integrou a equipe na segunda etapa do projeto. É ator, poeta, cantor lírico, professor de canto e teoria musical. Ministrou aulas de canto, teatro e participou da organização dos eventos no Lar Terapêutico “Nova Vida”.

Professor José Leandro Lopes é enfermeiro e licenciado em Teatro pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA), está no projeto desde o início, tem contribuído com as ações formativas no âmbito do teatro, principalmente na organização dos eventos socioculturais.

Professora Jackeline Monteiro, bolsista, concluiu a licenciatura em teatro logo após o encerramento do projeto. Além dessa graduação, também é licenciada em pedagogia. Possui experiência em projetos socioeducacionais na periferia de Manaus por meio do Allegriah grupo de arte e cultura (coletivo independente); além disso, foi voluntária nos projetos de extensão Contadores de Histórias: o Teatro Popular de Formas Animadas na Comunidade; Arte e Comunidade e Curso Livre de Teatro da Escola Superior de Artes e Turismo da Universidade do Amazonas (ESAT/ UEA).

Participante ativa do movimento estudantil, a professora Jackeline Monteiro trabalhou como diretora administrativa do Centro Acadêmico de Teatro (2021-2022) e na Secretaria Geral do Diretório Acadêmico (2021-2023). Essa rica trajetória acadêmica trouxe excelentes contribuições ao projeto, mais especificamente, aos processos de gestão da equipe a partir das demandas dos alunos, sem, contudo, se distanciar dos objetivos genuínos. Sua atuação competente nas ações, zelo na elaboração e apresentação dos relatórios consubstanciados são inquestionáveis.

Com o intuito de oportunizar a essa equipe a vivência de uma mesma problemática social em espaços institucionais distintos, o projeto firmou parceria com um centro de reabilitação e com uma comunidade terapêutica, conforme detalhado no percurso metodológico. Sendo assim, o trabalho foi dividido em duas etapas.

### ***Primeira Etapa:***

Iniciamos o projeto no Centro de Reabilitação “Mãos Unidas”. As atividades eram desenvolvidas quatro dias por semana, nos turnos matutino e vespertino. Em média, trabalhávamos 6h de aula por dia com a mesma turma e 20h de carga horária total para cada minicurso e oficina. Foram 42 dias letivos, totalizando 252 horas de atividades diversificadas, conforme descritas no Quadro 1:

<b>Atividade</b>	<b>Média alunos/turma</b>	<b>nº de turmas/ total de alunos</b>
Teatro e Literatura	20 alunos	6 turmas - 120 alunos
Marchetaria	18 alunos	4 turmas - 72 alunos
<i>Origami</i>	18 alunos	6 turmas - 108 alunos
Iniciação Musical e Percussão	10 alunos	2 turmas - 20 alunos
Matemática Básica	15 alunos	2 turmas - 20 alunos
Ciências/Educação Ambiental	16 alunos	01 turma - 16 alunos
Oficina de decoração com balões	15 alunos	01 turma - 15 alunos

**Quadro 1 - minicursos e oficinas**

Fonte: elaboração própria.

A agenda de minicursos e oficinas sempre finalizava com um evento sociocultural, oportunizando aos participantes socializar as habilidades aprendidas nas aulas, para a comunidade interna e famílias visitantes do Centro de Reabilitação. Havia também uma exposição de produtos resultantes das oficinas de marchetaria e *origami*. Esses eventos estão descritos no Quadro 2:

<b>Atividade</b>	<b>Tema</b>	<b>Alunos</b>
Programação Cultural com os professores de teatro, literatura e início de atividades de <i>Origami</i> e Marchetaria	Kadu, Duda e Lelé em Novos Caminhos	80
Espetáculo “Só Por Hoje”	Adicção e libertação	45
Jogos teatrais com teatro fórum	Relações interpessoais	40
Apresentação de artes integradas	Família e festas natalinas	36

**Quadro 2 - Eventos socioculturais com a participação dos internos**

Fonte: elaboração própria

Esse resumo quantitativo é somente para fins didáticos, pois os internos poderiam frequentar mais de um minicurso ou oficina em horários distintos, mas precisavam da anuência da equipe do Centro de Reabilitação.

Havia também a possibilidade de o interno concluir seu minicurso/oficina e participar novamente de outra turma do mesmo curso. Isso ocorreu com mais frequência nas atividades de Teatro e Literatura, porque ao final de cada turma os alunos apresentavam uma montagem teatral, a partir dos roteiros produzidos por eles durante as aulas e, sempre havia grupos interessados em participar de novas apresentações com os integrantes das outras turmas.

A repetição de curso também ocorria no *origami*, porque alguns alunos retornavam para aprender as técnicas que não entenderam na primeira vez.

## **Segunda Etapa:**

Após a conclusão das ações no Centro de Reabilitação “Mãos Unidas”, a segunda etapa do projeto iniciou no Lar Terapêutico “Nova Vida”, onde interagimos com 30 homens na faixa-etária de 20 a 66 anos. No momento, a instituição não aceita adolescentes e nem mulheres, devido à estrutura física e de pessoal que é bem menor que a do Centro de Reabilitação.

Quanto às comunidades terapêuticas, a Resolução da Diretoria Colegiada - RDC Anvisa n. 29/2011, em seus Artigos 1º, 2º, 14, 19, as define como instituições que prestam serviços de atenção a pessoas com transtornos decorrentes do uso, abuso ou dependência de substâncias psicoativas, em regime de residência, tendo como principal instrumento terapêutico a convivência entre os pares. São unidades que têm por função a oferta de um ambiente protegido, técnica e eticamente orientados, que forneça suporte e tratamento aos usuários abusivos e/ou dependentes de substâncias psicoativas, durante período estabelecido de acordo com programa terapêutico adaptado às necessidades de cada caso. Oferece uma rede de ajuda no processo de recuperação das pessoas, resgatando a cidadania, buscando encontrar novas possibilidades de reabilitação física e psicológica, e de reinserção social.

Na comunidade terapêutica foram realizadas atividades semelhantes à programação da primeira etapa no Centro de Reabilitação “Mãos Unidas”, exceto as aulas de língua portuguesa, marchetaria, *origami* e matemática, pois os dois professores da rede pública de ensino desistiram de ser voluntários. Desse modo, as ações foram voltadas para o teatro; literatura (produção de poemas e *zines*<sup>4</sup>); iniciação musical com percussão; aulas de educação ambiental; produção de instrumento percussivo com materiais reutilizáveis e saraus. Ao todo, desenvolvemos 14 atividades, incluindo aulas, formação musical, capacitação para a equipe do projeto, *lives* e rodas de conversas incluindo os gestores do Lar Terapêutico e ex internos.

Nessa última etapa do projeto, a equipe planejou, principalmente, focada na coleta de dados para a pesquisa de mestrado de uma das voluntárias, abordando a temática da educação ambiental e cidadania na Educação de Jovens e Adultos. Dessa maneira, como enfoque metodológico das aulas definimos as rodas de conversa, produção escrita a partir de observações da área verde, enfatizando uma perspectiva humanitária e confecção de instrumentos musicais com materiais reutilizáveis; produção de poemas com a temática ambiental e intervenção artística.

Um aspecto comum entre as duas instituições é o período máximo de 90 dias de internação<sup>5</sup>. Portanto, ao longo dos meses que permanecemos em cada local houve a

---

4. *Zine* é abreviatura de fanzine. O fanzine é uma mídia que surgiu na década de 1930 nos Estados Unidos, com os fãs de ficção científica, que escreveram pequenos textos como artigos e boletins de informação sobre esse gênero, abordando e trazendo ilustrações, histórias em quadrinhos, poesias, músicas, ficção científica, cinema e artigos teóricos. Passou a ser uma expressão artística e um recurso para disseminar ideias (Ferreira; Ceará, 2012 apud Magalhães, 1993). Andrade e Senna (2015, p. 3) reconhecem o fanzine como “ferramenta libertária e de autoconhecimento inseridas no processo educativo”.

5. Segundo o Art. 23-A, § 3º e § 4º da Lei Nº 13.840, de 5 de junho 2019, a internação “[...] III - perdurará apenas pelo

saída e a chegada de internos. Essa transição trouxe alguns dados complementares à avaliação que fizemos quanto à percepção dos alunos sobre o projeto. Os novatos, de imediato, aderiram à proposta do projeto e, durante a ambientação entre veteranos e recém ingressos, em ambas as instituições, os veteranos nos surpreenderam com depoimentos motivadores.

Seguem trechos da fala da professora Jackeline Monteiro (teatro) sobre o depoimento dos alunos das duas instituições:

Júlio comentou sobre as aulas, da importância desse encontro para ele, da gratidão que ele tem pela vivência no teatro e conseguir se expressar por meio dessa arte. Enquanto ele falava, a lembrança de sua chegada ao grupo era inevitável: corpo trêmulo devido à luta entre a crise de abstinência e o processo de desintoxicação, a fala confusa. Mas hoje o semblante dele é outro, logo receberá alta. Marcos comentou que se interessou pelo teatro a partir do exercício de alongamento que fez ele perceber articulações que havia esquecido, os jogos teatrais têm despertado mais ainda o interesse dele pelas aulas. Lucas fez um comentário de que antes atuava drogado para o mal e hoje tem a oportunidade de atuar sóbrio e para o bem, sem pretensão tendenciosa. Foram muitos depoimentos e não esperávamos que naquele momento seria assim, todos os comentários foram importantes para nós professores (Jackeline Monteiro, professora de teatro e bolsista do projeto).

Essa relação que os internos estabelecem entre o antes e o depois no processo de reabilitação foi muito bem observada no cotidiano do projeto, aqui ressaltada pela professora Jackeline Monteiro:

Os resultados são os melhores possíveis, considerando que estamos lidando com um público vulnerável, em processo de reabilitação da dependência química. Em termos de psicologia da educação, poderíamos refletir que vários fatores desse contexto são aparentemente desfavoráveis à aprendizagem nesse momento. No entanto, à medida que a reabilitação segue de maneira satisfatória, muitos alunos conseguem trabalhar em equipe, produzir pequenos textos dissertativos, poemas e até roteiros simples para o teatro, além da participação nas cenas, sempre abordando temas escolhidos por eles (Jackeline Monteiro, professora de teatro e bolsista do projeto).

Todas as atividades foram planejadas e executadas na perspectiva dialógica, reconhecendo cada aluno como protagonista de sua aprendizagem. Portanto, os pequenos e grandes avanços no processo de reescrita da própria história, por meio das diferentes estratégias de aula, eram valorizados pelos professores visando contribuir com a intervenção psicoterapêutica sob a responsabilidade da equipe multiprofissional da instituição.

Na sequência, a professora Jackeline Monteiro faz mais um destaque sobre os resultados de aprendizagem, salientando a abordagem interdisciplinar que o projeto imprimiu ao trabalho dos professores, onde o diálogo entre as áreas do conhecimento era norteado pelas categorias *eu, o outro e o ambiente; família; sociedade; dependência química; passado; presente; futuro*.

---

tempo necessário à desintoxicação, no prazo máximo de 90 (noventa) dias [...]”.

A criatividade na produção das cenas usando os recursos disponíveis e em espaços não convencionais tem sido muito significativo. Para além disso, cenas da própria realidade e a reflexão sobre a cena, dentro da proposta que Boal (2005) se refere no teatro do oprimido, a cena a partir de um problema com a proposta de solução sem se tornar opressor, é o que a pesquisa-ação chama do processo de reflexão-ação-reflexão, refletir a partir da ação porque toda ação teatral reflete na ação real. Em resumo, na tentativa de recuperar o tempo perdido com as drogas, eles são intensos nas atividades do Projeto. Vários alunos do teatro também participam das aulas de *Origami*, Matemática, iniciação musical, Educação Ambiental e Marchetaria (Jackeline Monteiro, professora de teatro e bolsista do projeto).

Salientamos que, embora tenhamos vivido momentos iniciais de estranhamento nas duas instituições, devido ser a nossa primeira experiência socioeducacional dessa natureza, a rotina pedagógica seguiu de modo satisfatório. Para nós, todos eram alunos, independentemente do tempo de adicção, atual condição física, psicológica e social.

Foram doze meses mobilizando conhecimentos, promovendo estudo, debate, práticas de ensino, pesquisa e extensão que nos ajudaram a compreender o papel dos professores nos espaços não escolares, bem como a dívida social que as políticas públicas de educação têm para com as pessoas em situação de vulnerabilidade social. Esse movimento em torno da temática se expandiu, possibilitando novas parcerias, desdobramentos focados na formação da equipe e elaboração de novos projetos, capazes de fomentar a participação de outros acadêmicos e alcance de pessoas que estão em estágios avançados da reabilitação, a exemplo dos ex internos que possuem um grupo de apoio instalado próximo à universidade.

No próximo item abordaremos as práticas formativas proporcionadas à equipe do projeto e os modos de divulgação do nosso trabalho em termos local, nacional e internacional.

## **Formação docente e divulgação científica**

A formação dos acadêmicos e dos professores voluntários, bem como a divulgação científica dos resultados constituiu um dos objetivos específicos do projeto. Nesse sentido, destacamos a realização dos encontros formativos, socialização das experiências em seminários das licenciaturas na universidade, além da divulgação em eventos científicos.

Elencaremos no Quadro 3 os dados sobre as atividades formativas desenvolvidas para/com a equipe e as participações na área da divulgação científica, visto que concebemos evento científico como espaço-tempo de estudos, interlocução e experiências de capacitação.

<b>Evento</b>	<b>Responsável</b>	<b>Local</b>	<b>Participantes</b>
Seminário de formação de bolsistas e voluntários	Coordenadora do Projeto; Diretora, Psiquiatra e a Assistente Social do Centro de Reabilitação “Mãos Unidas”	Universidade do Estado do Amazonas (UEA)	11 membros do projeto
Palestras educativas sobre saúde mental e reabilitação em dependência química	Psicólogo Vander Vasconcelos de Oliveira (voluntário)	Universidade do Estado do Amazonas (UEA)	22 participantes
Roda de conversa na Pedagogia: resultados parciais do projeto.	Coordenadora do Projeto	Universidade do Estado do Amazonas (UEA)	05 membros do projeto; 30 acadêmicos
Comunicação científica no Círculo de Oralidades das Jornadas internacionais do Teatro do Oprimido e Universidades – JITOU	Grupo de Teatro do Oprimido	Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), na cidade de Marabá/PA.	Participação presencial da bolsista e participação <i>on-line</i> de 05 membros do projeto
Roda de conversa sobre o Projeto de Extensão. Tema: Teatro do Oprimido na Educação Inclusiva Evento: Jornadas Internacionais do Teatro do Oprimido e Universidades – JITOU	Grupo de Teatro do Oprimido	Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), na cidade de Marabá/PA.	Participação presencial da bolsista Jackeline Monteiro e participação <i>on-line</i> de 05 membros do projeto
<i>Live</i> de encerramento da Etapa I - via Zoom com transmissão para o Youtube Allegriah Grupo de Arte e Cultura. <a href="https://www.youtube.com/live/yrh10fa27Qo?feature=sHare">https://www.youtube.com/live/yrh10fa27Qo?feature=sHare</a>	Bolsista Jackeline Monteiro	Manaus/Am	05 membros do projeto; 01 psicóloga do Centro de Reabilitação 02 ex-internos
<i>Live</i> de agradecimento e encerramento etapa II. Canal do Youtube Jackeline Monteiro. Link: <a href="https://l1nq.com/fQ6fH">https://l1nq.com/fQ6fH</a>	Bolsista Jackeline Monteiro	Manaus/Am	05 membros do projeto; Pedagoga do Lar Terapêutico 01 ex-interno
Apresentação de resumo no 12º Seminário de Pesquisas em Andamento (SPA/USP 2023)	Bolsista Jackeline Monteiro	Universidade de São Paulo (USP)	Coordenadora Bolsista
XIV Semana de Pedagogia, que teve como tema “A pedagogia em todos os lugares”. Realização de Oficina de arte e literatura com a metodologia criada por meio do projeto de extensão.	Bolsista Jackeline Monteiro e voluntário Vitor Gonçalves de Lima	Universidade do Estado do Amazonas (UEA)	
Contextualização dos planos de aula de teatro e literatura do projeto para estudantes do curso de licenciatura em teatro	Bolsista Jackeline Monteiro	Universidade do Estado do Amazonas (UEA)	



Apresentação do trabalho “Só por hoje: Teatro Fórum e Teatro Imagem na educação inclusiva para/com adictos em recuperação”, no CITA - I Congresso Internacional de Teatro do Amazonas.	Coordenadora do projeto, Bolsista Jackeline Monteiro e voluntário Vitor Gonçalves de Lima	Manaus/Am	Coordenadora do projeto, Bolsista Jackeline Monteiro e voluntário Vitor Gonçalves de Lima
Curso de Extensão “Educação, Vulnerabilidade Social e Teoria Histórico – Cultural”.	Universidade Estadual do Ceará, (UECE/ Brasil).	Manaus/Am.	Bolsista Jackeline Monteiro e voluntário Vitor Gonçalves de Lima

**Quadro 3 - Eventos de formação da equipe e divulgação do projeto**

Fonte: elaboração própria

Na primeira etapa do projeto, os alunos do Centro de Reabilitação “Mãos Unidas”, durante as aulas de teatro e literatura, compuseram a letra de uma música e professora Nayara Silva fez a melodia. A apresentação dessa música integrou a programação do evento que organizamos sobre a prevenção ao suicídio. Desde então, mesmo após o término do projeto, a equipe multiprofissional tem ensaiado essa música com os atuais internos e apresentado nos eventos. A previsão é que seja gravada em estúdio e se transforme no hino oficial do Centro de Reabilitação. Apresentamos aqui a letra:

***Só por hoje***

*Dia de culpa*

*Manhã de solidão*

*Tarde para o arrependimento*

*Noite para a salvação*

*Verão tão quente*

*Inverno tão frio*

*Espero um dia*

*Não me sentir tão sozinho.*

*Preciso de uma bola de cristal*

*Que mostre um futuro*

*Grávido de paz!*

*Bem melhor que antes*

*É assim que devo encarar a vida*

*Independente da matéria*

*Só por hoje*

*Procuo perdão*

No Lar Terapêutico “Nova Vida”, durante as oficinas de educação ambiental, os alunos também eram instados a desenhar, compor, cantar, dançar e interpretar. Pela manhã, conforme o planejamento, havia a parte teórica e a organização de equipes com tarefas específicas. À tarde ocorria a apresentação das atividades avaliativas, incluindo músicas, poemas, dramatizações. Compartilhamos aqui o poema feito por um dos internos:

### **Amazônia**

*Vem do povo da floresta  
A esperança que não cessa  
Que proteja a natureza  
E que lutem pela paz  
Para proteger as nossas vidas  
E a dos animais  
Amazônia  
Dorme, sonha  
Amazônia  
Vamos preservar  
Hoje,  
Vive e corre perigo  
Não queime ela,  
Não polua a sua mente  
Amazônia que cuida da gente  
Amazônia  
Dorme, sonha  
Amazônia  
Vamos preservar  
Também amar*

O projeto encerrou como atividade extensiva no interior das instituições parceiras, mas encaminhou desdobramentos em várias dimensões, desde à formação docente da equipe e dos demais acadêmicos das licenciaturas até o alinhamento de ações com projetos de outros professores da universidade, envolvendo temáticas afins.

No âmbito da formação docente, não há como dimensionar o impacto dessa experiência em nossa constituição pessoal, acadêmica e profissional. Foram muitas interlocuções teórico-práticas, geradoras de inquietações e interrogações que nos lançam rumo a mais estudos, capazes nos fortalecer como sujeitos em construção, munidos de mais energia para ações de continuidade, nessa rede colaborativa entre a universidade e a comunidade para o enfrentamento de uma realidade limitante, reducionista e impositiva para as pessoas em situação de vulnerabilidade social.

Outra ação imediata que o projeto possibilitou foi a realização de um curso de extensão na área da educação e vulnerabilidade social na perspectiva histórico-crítica para os acadêmicos da universidade e professores da rede municipal de ensino. Uma parceria com os professores do Grupo de Pesquisa Psicologia Histórico-Cultural e Saúde Mental (PSIHCSME) do Laboratório de Estudos da Subjetividade e Saúde Mental (LADES), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação e ao Curso de Psicologia da Universidade Estadual do Ceará

Considerando que alguns ex internos das duas instituições de reabilitação já possuem ensino médio completo, temos orientado a participarem do cursinho pré-vestibular, ofertado pela universidade para trabalhadores em geral. Pretendemos acompanhá-los nesse cursinho por meio de um projeto de pesquisa, objetivando analisar suas expectativas de formação e retorno ao mundo do trabalho após a internação.

É nessa direção que o projeto avança, ratificando o papel da pedagogia nos processos formativos em espaços não escolares. Concordamos com Arroyo (2017, p. 7) quando aponta para a exigência dos/as educadores/as reinventarem “artes, pedagogias, conhecimentos, currículos de sua formação inicial e continuada”. Tratando-se de pessoas jovens e adultas com um novo itinerário, em busca de seus direitos à educação, ao conhecimento e à cultura, somos instados a avançar na formação dos/as educadores/as para além da formação inicial, pois a sala de aula é em sua totalidade esse universo de pessoas de todos os lugares e perfis.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegar até aqui não representa o fim do projeto, mas a pausa exigida para essa publicação. Pausamos também para reabastecer as energias, visto que os novos voos serão mais longos e mais altos no mais fidedigno caráter semântico que os termos permitirem e, caso não permitam, voaremos mesmo assim, porque ousar virou rotina nesse projeto.

Todos os voluntários participaram de maneira efetiva das atividades propostas, apresentando um resultado qualitativo que contribuiu muito para o alcance dos objetivos do projeto; para a formação individual/coletiva do público-alvo e para a construção de uma rede de estudo, discussão e atuação deles no contexto da educação inclusiva para dependentes químicos, por meio das ações socioeducacionais realizadas, sempre de modo coletivo e colaborativo.

Sendo assim, essa perspectiva histórico-cultural que subsidia o projeto concebe os executores e o público-alvo do projeto como parceiros e protagonistas dessas ações formativas que, por meio de um elo recursivo em torno de objetivos comuns, empreendem esforços com vistas à promoção e/ou retomada da vida social do dependente químico.

A parceria entre a universidade e as instituições de reabilitação de dependentes químicos tem se fortalecido rumo à consolidação de uma ação institucional no formato de programa de extensão, capaz de sensibilizar outras áreas do conhecimento para um agir coletivo e transdisciplinar.

Destacando, o estabelecimento de vínculo entre a universidade e instituições públicas que abordam o tema do projeto, visando ampliação dos estudos, debates e propostas de políticas públicas de educação inclusiva para dependentes químicos; oferta de minicursos, oficinas e palestras com foco no mundo do trabalho, bem como voltados para temas de valorização da vida, promoção e inclusão social; realização de eventos socioculturais, mobilizando o interesse dos dependentes químicos para a sensibilidade artística e estética; identificação de campos emergentes de atuação para os acadêmicos das licenciaturas, futuros profissionais da educação; produção e divulgação de novos conhecimentos (ensino, pesquisa e extensão) sobre as experiências construídas no projeto.

Vale ressaltar o inquestionável impacto social do projeto, não somente porque alcança em torno de 130 pessoas em situação de vulnerabilidade social, mas também porque em termos qualitativos contribui para a aproximação da universidade com essa realidade, às vezes abordada somente nas aulas teóricas de alguns cursos de graduação.

E por fim, porém não menos importante, para além da formação acadêmica e profissional pretendida pelo projeto, enfatizamos a dimensão humana, o processo de construção de cada participante ao entrar, permanecer e concluir cada etapa do projeto, movidos pelas reflexões diárias.

Como equipe executora, refletimos que, às vezes o nosso vazio precisa ser preenchido com alguma coisa que, ao invés de recebermos, damos ao outro. É a essência da solidariedade, do voluntariado. Isso representa um processo de cura espiritual que não é definitiva, pois a dinâmica da vida nos apresenta a todo instante pontos de atenção, sinais de alerta na relação conosco e com a/o outra/o. Mas o importante é que essa cura se revela possível, em pequenas porções diárias do nosso ser e existir como escritores da nossa história.

## REFERÊNCIAS

AMAZONAS. Universidade do Estado do Amazonas. **Plano de Desenvolvimento Institucional** – PDI (2023-2027). Manaus, 2023.

ANDRADE, Sandro Silva de; SENNA, Nádia da Cruz. **Fanzines na sala de aula: expressividade e autorialidade**. 24º Encontro da ENAP - Simpósio 5 – Compartilhamentos do ensino da arte: conexões interativas com realidade cotidiana. Santa Maria/RS. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/2625>. Acesso em 12/11/2022.

ARROYO, M. G. **Passageiros da noite: do trabalho para a EJA. Itinerários pelo direito a uma vida justa**. Petrópolis: Vozes, 2017.

BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e mudanças no ensino da arte** (org.). 7 ed, São Paulo/SP: Cortez, 2012.

BEYER, Hugo Otto. **A Educação Inclusiva: incompletudes escolares e perspectivas de ação**. Cadernos de Educação Especial, Santa Maria, n. 22, p. 3344, 2003.

- BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 3 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.
- LARANJEIRA, Ronaldo; Alessandra Diehl *et al.* **Dependência química: prevenção, tratamento e políticas públicas**. Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2011.
- OMS – Organização Mundial da Saúde. **Relatório Mundial da Saúde**. Saúde mental: nova concepção, nova esperança. Lisboa: OMS, 2022.
- OMS – Organização Mundial da Saúde. **Relatório de resultados de fim de biênio 2022 – 2023**. Lisboa:OMS, 2024.
- SAVIANI, Dermeval. **A Pedagogia histórico-crítica**, as lutas de classe e a educação escolar. *Geminal: Marxismo e Educação em Debate*, Salvador, v. 5, n. 2, p. 25-46, dez. 2013. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/9697>. Acesso em: 13/12/2023.
- SANTOS, Milton. As cidadanias mutiladas. In: CARDOSO, Ruth *et al.* **O Preconceito**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1997.
- SPOLIN, Viola. **Jogos Teatrais**: o fichário de Viola Spolin; tradução de Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- SUDBRACK, M. de F. In: **Observatório brasileiro de informações sobre drogas –OBID**. Disponível em: [www.obid.senad.gov.br/portais/OBID](http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID), 2017. Acesso em 21/08/2023.
- TENÓRIO, Robinson Moreira; FERRAZ, Maria do Carmo Gomes; PINTO, Jucinara de Castro Almeida. **Eficácia e equidade: indicadores de qualidade da educação básica no Brasil**. Projeto Equidade no Ensino Superior. Faculdade de Educação – FAGED, 2015.
- VIEIRA, Ardalla Z. *et al.* **Arte e Técnica da Marchetaria aplicada no Design de Mobiliário Contemporâneo**. II Congresso Internacional e VIII Workshop: Design & Materiais 2017. Disponível em: <https://proceedings.science/dm/trabalhos/arte-e-tecnica-da-marchetaria-aplicada-no-design-de-mobiliario-contemporaneo?lang=pt-br>. Acesso em: 21/12/2022.
- UNODC. **Relatório Mundial sobre Drogas 2021**. Disponível em <https://www.unodc.org/lpo-brazil/pt/drogas/index.html>. Acesso em: 21 nov 2022.
- UNODC. **Relatório Mundial sobre Drogas 2024**. Disponível em <https://www.unodc.org/lpo-brazil/pt/frontpage/2024/06/relatorio-mundial-sobre-drogas-2024>. Acesso em 23 fev 2025.